

O QUE TEMOS SONHADO COM O PLANETA TERRA?

WHAT HAVE WE BEEN DREAMING WITH PLANET EARTH?

Jaquelina Maria Imbrizi¹

Ana Luisa Esposito Mafra e Silva²

Giovana Carvalho de Oliveira²

Giovanna de Almeida Malbet²

Isabela Bartolomucci Mulato²

Isabella Ugadin Borsato²

Livia Souza Costa²

Letícia Cruz Cerqueira²

Manuella de Azevedo Janoni Hernandez²

RESUMO

Ações de extensão podem contribuir com as discussões sobre os efeitos psíquicos das catástrofes advindas das mudanças climáticas. Os sonhos nos auxiliam na localização destes impactos na subjetividade quando os concebemos em sua função não só de realizar desejos para manter o sujeito em estado de sono, mas também como uma tentativa de elaboração das impressões sensíveis traumáticas advindas da vida de vigília. Por sua vez, a escuta e a partilha de sonhos em roda ou em espaços públicos têm sido utilizadas como modo de cuidado e acolhimento aos sujeitos estarecidos diante das tragédias ambientais. O objetivo do trabalho é apresentar como foi criada a metodologia da ação extensionista intitulada “O que temos sonhado com o planeta Terra?”, vinculada aos projetos de extensão e estágio da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista. Trata-se de uma intervenção em espaços abertos na qual pessoas ficam disponíveis para o encontro e posicionadas atrás de uma placa com os seguintes dizeres: Escuto sonhos sobre o meio ambiente, o planeta, a natureza, a crise climática, o bem viver, etc. Essa intervenção foi inspirada em duas obras da artista Ana Teixeira, cuja arte é marcada pela criação de situações que desafiam a rotina e estimulam o reconhecimento do “outro” como parte integrante de uma experiência compartilhada. Foram realizadas três experimentações e os dados produzidos se referiram a enchentes, alagamentos, tsunamis e ao sofrimento advindo da desigualdade socioeconômica brasileira. A palavra “água” está presente em vários sonhos como impressões do dualismo vida/morte: aquilo que nos constitui e também pode nos matar. Assim, o convite para sonhar o planeta Terra é uma forma de reencontrar a nossa vitalidade psíquica e, quiçá, angariar forças para resistir à destruição da natureza, criando propostas voltadas à sustentabilidade ambiental e climática.

Palavras-chave: Sonho; Crise climática; Extensão; Escuta; Tragédia climática.

¹ Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) - Santos, SP, Brasil. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - São Paulo, SP, Brasil.

² Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) - Santos, SP, Brasil. Graduada em Psicologia pela Unifesp.

ABSTRACT

Extension actions can contribute to discussions on the psychological effects of disasters resulting from climate change. Dreams assist us in locating these impacts within subjectivity when we conceive them not only in their function of fulfilling desires to maintain the subject in a state of sleep but also as an attempt to process traumatic sensory impressions arising from waking life. Meanwhile, the practice of listening to and sharing dreams in circles or public spaces has been used as a means of care and support for individuals overwhelmed by environmental tragedies. The objective of this article is to present the methodology behind the extension initiative titled *What Have We Been Dreaming About Planet Earth?* linked to the extension and internship programs of the Federal University of São Paulo - Baixada Santista Campus. This intervention takes place in open spaces where individuals make themselves available for encounters, positioned behind a sign that reads: *I Listen to Dreams about the environment, the planet, nature, the climate crisis, well-being, etc.* This intervention was inspired by two works by the artist Ana Teixeira, as her art is characterized by the creation of situations that challenge routine and stimulate the recognition of the "other" as an integral part of a shared experience. Three experiments were conducted, and the data produced referenced floods, inundations, tsunamis, and the suffering caused by Brazil's socioeconomic inequality. The word 'water' appears in several dreams as impressions of the life/death dualism: that which constitutes us and can also kill us. Thus, the invitation to dream about planet Earth is a way to rediscover our psychic vitality and, perhaps, gather strength to resist the destruction of nature, creating proposals aimed at environmental and climate sustainability.

Keywords: Dreams; Climate crisis; Extension initiative; Listening; Climate tragedy.

INTRODUÇÃO

O campus Baixada Santista da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) oferece um número significativo de projetos de extensão e tem uma tradição de diálogo profícuo com as pessoas da cidade³. Nem mesmo a pandemia da SARS-CoV-2 – ou Covid-19 – impediu que as ações extensionistas continuassem sendo criadas, apesar de a maioria das atividades serem oferecidas no modo *online*. Nesse período, houve também o crescimento de pesquisas de psicanalistas que se interessavam por uma modalidade específica do

sonhar: a capacidade de elaborar os traumas advindos daquela catástrofe humanitária. Houve uma grande pesquisa interuniversidades que coletou, por meio de formulários *online*, as narrativas oníricas de profissionais de saúde e da educação de grande parte do Brasil (Dunker *et al.*, 2022). Uma das autoras participou desta pesquisa multicêntrica, e inspirada por ela, pôde criar o projeto de pesquisa "Produção Onírica e Arte: o que sonham juventudes e adolescentes em situação de vulnerabilidade social?" (Imbrizi, 2021) e

³ Disponível em: <https://unifesp.br/campus/san7/todas-noticias/1223-conheca-o-resultado-de-aco-es-extensionistas-do-campus-baixada-santista-da-unifesp>. Acesso em: 9 jul. 2025.

o projeto de extensão "Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes" (Imbrizi, 2020).

A principal ação extensionista nos cinco anos de vida deste projeto é a "Roda de conversa sobre sonhos", que coletou mais de 100 narrativas oníricas e ofereceu 60 rodas de sonhos. Suas atividades foram iniciadas durante a pandemia, sendo voltadas para a comunidade acadêmica, e hoje a extensão ampliou-se e oferece ações abertas ao público em geral. Diferente da pesquisa multicêntrica, que coletava sonhos e às vezes fazia entrevistas individuais com o sonhante, a ação extensionista se refere a um dispositivo grupal em psicanálise que convida participantes a contarem um sonho em roda de modo que essa narrativa onírica seja partilhada entre os componentes do grupo. Nesse sentido, todos são chamados a sonharem juntos e estabelecerem associações com o conteúdo e os elementos do sonho que foi narrado.

Para o psicanalista René Kaës (2004), um sonho contado em grupo se transforma em propriedade de todos, de modo a considerar, na singularidade de quem sonha, elementos comuns passíveis de serem compartilhados pelos participantes em situação grupal. Já a jornalista Charlotte Beradt (2017) destaca os aspectos comuns que tecem os diferentes sonhos de sujeitos que advêm de contextos sociopolíticos adversos, tratando assim os sonhos como testemunhos de determinado momento histórico. Nesse sentido, Krenak e Ribeiro (2020) ressaltam a importância de espaços de escuta grupal de partilha de sonhos, enaltecendo o fato de que neles seja possível antecipar problemas que viriam a colocar em risco o coletivo, oferecendo pistas para criar estratégias de proteção à comunidade. Ampliando essa perspectiva, Limulja (2022) chama a atenção para a indissociabilidade

entre humanos, a natureza, a fauna e a flora – forma de se conceber o material onírico por parte dos povos Yanomami, o que nos inspira a cuidar do planeta que habitamos. Segundo estes povos originários, o sonho funciona como uma oportunidade de despertar os humanos para a necessidade de cuidar da natureza e superar a postura predatória aderida à lógica capitalista vigente há séculos e que interfere nos destinos da humanidade. Como nos alerta Krenak (2020b): “O amanhã não está à venda!”.

No ano de 2024, quatro das nossas extensionistas começaram a participar também como estagiárias do convênio de estágio intitulado Clínica Aberta do Comum, vigente desde 2023, entre o Instituto ProComum (IP) e a Unifesp, duas instituições que estão situadas na região central de Santos. Assim, para além de atuarmos visando o *tripé da universidade* (termo que se refere às articulações entre os projetos de ensino, extensão e pesquisa), também fomos mesclando ações acadêmicas com as que ocorriam no IP. Uma das ações emergiu de forma concomitante à organização de um evento sobre a crise climática, intitulado Lab Narrativas Climáticas, que ocorreu no IP entre 19 e 21 de junho de 2024. As estagiárias e extensionistas foram convidadas a planejar intervenções para compor o evento. O convite foi se configurando como uma continuidade de nossas ações extensionistas e, conjuntamente a isso, uma pergunta disparadora surgiu: se já havíamos incorporado as ideias dos povos originários na condução da nossa roda de sonhos, como explicitar nas atividades extensionistas a nossa preocupação com o futuro do planeta Terra?

A partir desta questão, fomos criando uma nova metodologia que complementava a tecnologia de cuidado em roda e de escuta com a partilha de sonhos, visando chamar a aten-

ção dos frequentadores do IP sobre os impactos subjetivos das mudanças climáticas. Trata-se de uma intervenção artística intitulada *O que temos sonhado com o planeta Terra?*. O objetivo deste trabalho é apresentar o processo de criação desta intervenção que foi inspirada nos trabalhos da artista Ana Teixeira para compor a ambiência dos dois eventos no IP e um na Unifesp. Para tanto, expomos: 1) o IP e o projeto de estágio; 2) as obras de Ana Teixeira, com destaque para duas que influenciaram a nossa proposta; e 3) o processo de criação da ação extensionista e os dados produzidos nas três edições da intervenção.

Nas considerações finais, entrelaçamos abordagens de teóricos preocupados com a crise climática e defendemos a importância da proposição de novas metodologias nas ações extensionistas que visem à escuta e ao cuidado às pessoas de modo a que elas possam expressar seus medos e receios diante das tragédias decorrentes da crise climática. Sonhar o planeta Terra, compartilhando o material onírico em grupo, é uma forma de reencontrar a nossa vitalidade psíquica e, quiçá, angariar forças para resistir à destruição da natureza, criando propostas voltadas à sustentabilidade ambiental e climática.

2. O IP, O PROJETO DE ESTÁGIO E OS EVENTOS NO LAB PROCOMUM E CONGRESSO ACADÊMICO

O IP é um espaço que visa à promoção da convivência e do desenvolvimento de modelos de colaboração, voltados à defesa dos bens comuns – entendendo que a relação que se constrói entre os sujeitos em determinados lugares está entrelaçada ao ambiente, ao território e ao contexto sociopolítico e econômico aos quais estão inseridos – buscando transformações sociais, por meio da coletividade, do comum e da criatividade.

Sob essa ótica, o espaço possibilita o ecoar das vozes de grupos politicamente minoritários, por meio de formações, projetos e trocas de experiências, ampliando e evocando a importância de metodologias participativas, ou seja, do caráter coletivo, para a mobilização e mudanças sociais.

Em março de 2023 foi implantado o projeto Clínica Aberta do Comum, fruto da parceria e convênio de estágio entre a Unifesp e o IP, tendo como objetivo oferecer atendimentos psicanalíticos gratuitos para os trabalhadores e frequentadores do instituto, assim como também para as pessoas que vivem em seu entorno. Esta iniciativa está em diálogo com outras propostas de clínicas públicas e gratuitas que existem em várias cidades e capitais do Brasil. Trata-se de um modo de popularizar a abordagem teórica em psicanálise, bem como também de espriar sua visão de mundo e perspectiva política para todos os que se interessarem. Neste sentido, é uma proposta democrática que visa produzir o comum em uma rede de afetos, que tende a se ampliar em modos de bem viver em comunidade.

À luz dessa composição e em meio às consequências das mudanças climáticas no território e na vida da população da Baixada Santista, em 2024 o IP organizou o Lab Narrativas Climáticas, um evento para compartilhamento de iniciativas – de baixo custo e fácil realização – pensadas não apenas pelos cidadãos que se veem diretamente afetados pelas consequências das mudanças climáticas, mas também por pesquisadores e estudiosos do tema.

As mudanças climáticas, em grande parte geradas por atividades humanas, têm consequências significativas no equilíbrio ambiental global, impactando a saúde das populações e o modo que habitam e se relacionam com

os territórios. Nesse sentido, considerando os efeitos das mudanças climáticas na vida cotidiana da população, e pensando o conteúdo onírico como meio para análise dos impactos das tragédias climáticas na subjetividade dos sujeitos, a extensão "Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes" participou do evento Lab Narrativas Climáticas. Nessa participação, apresentamos a intervenção artística: "O que temos sonhado com o planeta Terra?" nos espaços abertos do IP. Mais tarde, oferecemos a mesma intervenção em dois eventos: no Sul x Sul: As periferias no centro da Justiça Climática e do Bem Viver, que ocorreu no IP, no dia 27 de agosto, e no Congresso Acadêmico da Unifesp: Incluir, Inovar e Fortalecer, no período de 30 de setembro a 4 de outubro de 2024. Para o processo de criação da proposta, nos inspiramos nas intervenções urbanas da artista Ana Teixeira.

2.1 A ARTE DE ANA TEIXEIRA

A relação entre arte e escuta tem se mostrado um campo fértil para a reflexão sobre as formas de subjetivação e interação social. Ana Teixeira, nascida em Caçapava, SP, em 1957 (Artsoul, [s.d.]), desenvolve uma prática artística que privilegia o encontro e a troca de afetos. Sua atuação, marcada pela utilização do espaço urbano como palco de intervenções, propõe a criação de situações que desafiam a rotina e estimulam o reconhecimento do "outro" como parte integrante de uma experiência compartilhada.

A relação do trabalho da artista com a rua e com os participantes da sua obra dialoga diretamente com a estética relacional, conceito teorizado pelo filósofo francês Jacques Rancière (Artsoul, [s.d.]). Ao invés de produzir objetos artísticos tradicionais, ela busca gerar momentos de deslocamento e reflexão

sobre as falhas e contradições do mundo. Como a artista costuma dizer, seu objetivo é provocar um "pequeno curto-circuito na realidade", despertando nos participantes reações que vão da reflexão ao desconforto (Artsoul, [s.d.]).

As intervenções artísticas de Ana Teixeira nos mostram como é possível construir, por meio da arte, espaços de interação e de escuta genuínos. Esse tipo de intervenção instaura discontinuidades, torna visível o que era invisível e, em meio ao espaço público, evidencia o diálogo como oportunidade para comunicar o vivido, o desejado, o inventado, o idealizado, o possível e o impossível (Santhiago, 2021). Inseridos em um contexto de comunicação acelerada e de relações que são mediadas pela tecnologia, a obra de Ana nos convida a um encontro humano com a experiência estética que é, ao mesmo tempo, transformadora.

Santhiago (2021) descreve algumas das intervenções da artista que se destacam por serem ações realizadas por meio de conversas nas ruas das cidades. Na obra denominada *Troco sonhos* (1998-2006), a artista montou uma barraca em espaços públicos movimentados com uma placa que dizia: "Troco sonhos. Aceito todos os tipos: dourados, esquecidos, abandonados, vivos, mortos, presentes ou enterrados", e oferecia sonhos (o doce) em troca de relatos gravados em vídeo sobre os sonhos pessoais dos participantes. Ao longo de oito anos, cerca de seis mil sonhos foram trocados em vinte cidades brasileiras. O objetivo era intervir no cotidiano urbano, tornando visível o que normalmente passaria despercebido – desejos, memórias e imaginações coletivas.

Em *Escuto histórias de amor*, que ocorreu entre 2005 e 2013, Ana se senta em um espaço

público com duas cadeiras, tricota um longo fio vermelho e convida pessoas a compartilhar histórias de amor (Santhiago, 2021). Diferente da ação *Troco Sonhos*, essa não gera registros; sua essência está no acontecimento efêmero da conversa e na cumplicidade momentânea entre artista e narrador. Ao realizar a ação na Alemanha, seu objetivo era ouvir as histórias, mesmo sem compreender o idioma. Porém, ao notarem que ela não falava alemão, as pessoas passaram a se comunicar em inglês. Com isso, a artista percebeu que não bastava serem ouvidas – elas desejavam, sobretudo, serem compreendidas.

Por meio de suas obras, Ana Teixeira percebe que não apenas os sonhos e as histórias de amor, mas também a escuta se esvai no dia a dia e, ao estender uma cadeira e oferecer um doce às pessoas, a narrativa e o diálogo são colocados em cena. Ao ser entrevistada, Ana afirma:

A minha ideia inicial era escutar, e não necessariamente entender. Eu acreditava que eu podia escutar as histórias em línguas que eu não entendia e isso me interessava. Só que isso nunca aconteceu. Eu descobri que as pessoas, além de quererem ser escutadas, querem ser entendidas. Quando, na Alemanha, eles perceberam que eu não falava alemão, eles me contaram as histórias em inglês. Isso foi um dado de surpresa para mim (Santhiago, 2021, p. 1).

As intervenções da artista extrapolam o campo da arte, funcionando como um dispositivo de escuta, memória e resignificação do espaço urbano. Seu trabalho documenta histórias e cria espaços narrativos vivos, onde o encontro e a partilha transformam a experiência individual em coletiva.

2.2 INTERSECÇÃO ENTRE DUAS METODOLOGIAS

A ação extensionista "O que temos sonhado

com o planeta Terra?" foi realizada por meio da intersecção entre duas metodologias: o dispositivo grupal da Roda de conversa sobre sonhos – que há cinco anos praticamos via projeto de extensão da Unifesp – e as intervenções artísticas de Ana Teixeira. No caso que se refere às intervenções da artista, com algumas adaptações, nos inspiramos, principalmente, em duas de suas intervenções realizadas no espaço público: *Troco Sonhos* e *Escuto Histórias de Amor*.

Em relação à primeira, continuávamos a partilha dos sonhos, só que agora, eles eram direcionados para a crise climática. Com relação à segunda, no caso da ação extensionista, ao invés do tricô, optamos pelo crochê (uma das estagiárias transmitiu-nos seus conhecimentos sobre esta artesanaria) e, no lugar da lã vermelha, diversificamos as cores das linhas para construir uma “manta do tempo”. Tal elemento foi constituído da seguinte forma: as estagiárias e as extensionistas ficavam a crocheter uma manta, que era composta pelas cores azul, vermelha e roxa, correspondendo à mudança do clima, ao longo das horas e dos dias de intervenção, sendo o azul correspondente às temperaturas baixas, o vermelho às altas e o roxo às temperaturas intermediárias. Também substituímos os dizeres das placas – no lugar de “Troco Sonhos e Escuto Histórias de Amor”, propomos a seguinte questão: O que temos sonhado com o planeta Terra?

No que se refere ao dispositivo grupal Roda de conversa sobre sonhos, a proposta é a de que um espaço em roda se abra com o convite para um dos participantes contar um sonho e tecer associações entre o sonho e aspectos do seu cotidiano, das artes e do contexto sociopolítico. Em seguida, os participantes da roda são convidados a costurar associações, fazendo movimentos em que a

narrativa onírica deixa de ser singular e se torna coletiva, estabelecendo um espaço comum no qual a palavra, os afetos e as livres associações circulam de modo a abrirem-se para uma dimensão prospectiva: elaborações de novas perspectivas políticas e existenciais futuras, exercitando a sensibilidade e a imaginação.

Assim, ao promover um espaço para a circulação de narrativas, a ação possibilita que os sonhos ajam como disparadores para se conversar e elaborar traumas singulares e coletivos. Nesse sentido, segundo o psicanalista Sándor Ferenczi (1934/2011, p. 112): “o estado do sono favorece não só a dominação do princípio do prazer (a função de realização de desejo no sonho), mas também o retorno das impressões sensíveis traumáticas, não resolvidas que aspiram a resolução (função traumatolítica do sonho)”, o que nos indica a potência dos sonhos, ao disparar caminhos que possibilitam que se fale sobre assuntos que, muitas vezes, não encontram palavras para se descrever. A despeito disso, são valorizadas as impressões e a criação de imagens que presentificam e não necessariamente representam o acontecimento catastrófico.

Sendo assim, a intersecção entre as duas metodologias – o trabalho artístico de Ana Teixeira e o dispositivo grupal da Roda de conversa sobre sonhos – possibilitou a criação da intervenção *O que temos sonhado com o planeta Terra?*. Esta se configurou como um local de cuidado e elaboração coletiva para o que temos vivido globalmente como uma grande crise climática/econômica/social. A ambivalência da palavra “sonhos” foi fomentada de maneira proposital, abrindo espaço para além dos sonhos que nos acontecem durante o sono. Então, como uma brincadeira, o “sonhar” da intervenção também recaía nos

desejos das pessoas para o futuro e para as transformações almeçadas no cenário social-climático-ambiental do planeta Terra. Inspirando-se pelo que Krenak (2020a, p. 52) oferece acerca da frequente relação de povos indígenas com os sonhos, esta ação extensionista entende o sonhar como desencadeador de criatividade e de pensamento sobre futuros possíveis:

Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades.

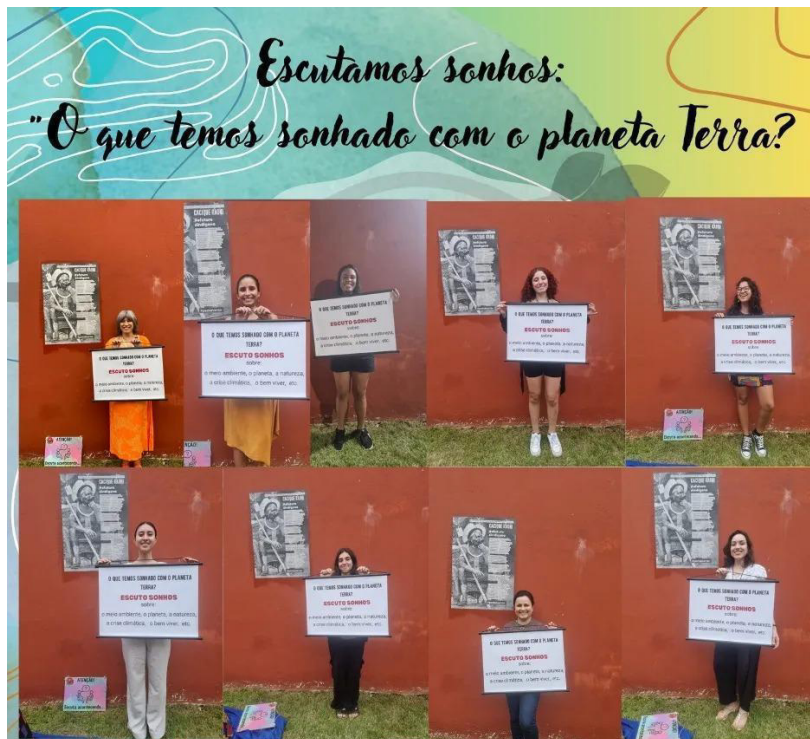
Ao longo das intervenções, a prática das extensionistas foi ancorada em uma escuta ativa e reflexiva, na qual subverte-se a passividade para compreender e refletir acerca dos impactos subjetivos e sociais das emergências climáticas. Nesse contexto, a escuta sensível pode atuar como uma postura metodológica que vai além da simples captação de informações, envolvendo disponibilidade, engajamento, empatia e um olhar atento às narrativas. Dessa maneira, a prática da escuta é concebida como um instrumento de mediação fundamental para acessar percepções, angústias e estratégias de enfrentamento dos indivíduos e grupos (Minayo, 2019), possibilitando não uma simples coleta de relatos, mas a construção de um espaço coletivo de elaboração e reflexão crítica sobre as crises climáticas e suas implicações na subjetividade e na coletividade.

Figura 1. Fachada da ação extensionista



Fonte: elaborada pelas autoras.

Figura 1. Participantes da ação extensionista



Fonte: elaborada pelas autoras.

2.3 OS DADOS PRODUZIDOS NAS DUAS INTERVENÇÕES NO IP

A primeira intervenção foi realizada no IP, integrando o evento Lab Narrativas Climáticas, que ocorreu apenas dois meses após a tragédia dos alagamentos no Rio Grande do Sul,

RS. As chuvas e enchentes que devastaram o estado afetaram a vida de milhões de brasileiros, atingindo 478 municípios, causando inúmeras mortes e desapareções, além de uma enorme quantidade de desalojados (Accioly, 2024). Percebemos, em nossa escuta, como essa catástrofe impactou aqueles que

nos procuravam: dentre os sonhos contados, cenas de alagamentos e desastres envolvendo o elemento água foram frequentes. Ao fim de cada escuta, anotamos os temas que mais apareceram para compor uma nuvem de palavras e a mais repetida foi "água". Isso pode ser relacionado à tragédia climática do RS, mas também à própria cidade de Santos, que, em momentos de chuvas fortes, tem as suas ruas alagadas e vias de circulação de pessoas e transportes públicos congestionadas e, muitas vezes, interrompidas.

Nessa atividade, a palavra "água" apareceu ainda em um dos sonhos como representativa do dualismo vida e morte: aquilo que nos constitui e também pode nos matar. Escutamos sonhos que continham aflições sobre a crise climática, nos quais estavam presentes a questão da catástrofe ambiental. As outras narrativas oníricas compartilhadas foram no sentido de perspectivas futuras e aspirações, tais quais: o profundo desejo por uma mudança radical no cenário climático por meio de fortes mobilizações populares e a partilha da necessidade de mais espaços de natureza nos centros urbanos. Um grupo de usuários e técnicos do CAPSi 'Tô Ligado' narrou sonhos com a natureza nos quais figuravam, principalmente, dinossauros, o que foi associado com a crise climática e o medo da extinção das formas de vida conhecidas. Houve também o relato da experiência de um sonhante que estava sobrevoando a Amazônia e caía dentro de um lago, começando a se afogar. Ao final, refletimos sobre ações como as do evento Lab Narrativas Climáticas, as quais contribuem para a movimentação social e a reflexão sobre as catástrofes que se anunciam

A segunda intervenção no IP fez parte do evento Sul x Sul: As periferias no centro da Justiça Climática e do Bem Viver. Entre os sonhos escutados, assinalamos o de uma pessoa

que dizia ter experiências oníricas recorrentes com os últimos cinco minutos antes do fim do mundo, nos quais aconteciam desastres como consequência de tsunamis. Cabe destacar que os sonhos que envolviam tsunamis e água foram comuns nos dois eventos no IP.

2.4 OS DADOS PRODUZIDOS NAS INTERVENÇÕES NO CONGRESSO ACADÊMICO DA UNIFESP

Os encontros foram realizados no saguão da universidade, havendo maior adesão e trânsito de pessoas neste cenário, as quais encontraram uma oportunidade de partilhar experiências e conversar. Foram compartilhados sonhos relacionados à praia que despertaram reflexões sobre a situação socioeconômica da cidade de origem dos sonhantes, os quais relataram problemas de saneamento básico que atingiam aldeias indígenas da região e também a poluição das áreas praias. Nesse sentido, podemos afirmar que os sonhos com o tema meio ambiente se relacionam com a desigualdade econômica, revelando que as mudanças climáticas atingem de forma diferente e devastadora as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social.

Percebemos que a catástrofe climática no RS ainda reverberava no imaginário e nos sonhos daqueles que nos procuraram. Os assuntos giraram em torno das enchentes e do aumento das temperaturas e, novamente, os conteúdos oníricos envolvendo o elemento "água" se fizeram presentes, como quando ouvimos uma estudante que contou sobre seus sonhos constantes com um mar revolto, que invadia a areia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa escuta, nas três edições da intervenção artística, observamos que os sonhan-

tes tinham mais recordações daquilo que se repetia nos sonhos, dos elementos que insistiam em se presentificar. Sob essa ótica, podemos articular com as ideias de Ferenczi (1934/2011), o psicanalista que pensou os impactos das catástrofes filogenéticas e ontogenéticas e seus efeitos sobre a constituição psíquica. Gondar (2013) aponta que Ferenczi foi um psicanalista capaz de captar algo que se torna cada vez mais pungente no contemporâneo: as formas de subjetividade marcadas por traumatismos e dissociações psíquicas em um contexto de catástrofes, muitas delas derivadas da crise climática/política/econômica.

Para Ferenczi, uma das funções do sonho é tentar elaborar impressões sensíveis – sensações, marcas corporais, vivências físicas sem representação – que causaram algum tipo de trauma. Dessa forma, Gondar (2013) afirma que há um propósito curativo nos sonhos: o movimento de repetição de cenas traumáticas na atividade onírica é uma tentativa do psiquismo de dar resolução a tais impressões, que vão perdendo a dimensão de susto e surpresa e colocam o sujeito em uma posição ativa, pois é ele quem produz o sonho. Os sonhos que ouvimos nas intervenções nos dão notícias dessas impressões sensíveis, desses “restos da vida” (Ferenczi, 1934/2011), decorrentes de catástrofes que vão, paulatinamente, sendo processadas psiquicamente, podendo permitir que se dê novos destinos ao desamparo e temor que esses traumatismos desencadeiam.

Nesse sentido, a presença de alguém que escute e testemunhe o relato do sonho mostra-se um instrumento importante para a nomeação dessas angústias e favorecimento da elaboração de situações traumáticas. Isso ocorreu, por exemplo, ao ouvirmos sobre a repetição de sonhos em que Santos e as ci-

dades do entorno ficam completamente tomadas por água, inviabilizando o trânsito de pessoas. Também escutamos de um dos participantes que ele costumava sonhar com os familiares sofrendo os efeitos dos eventos climáticos extremos. Ele ainda relatou sentir raiva dos bilionários que, na sua visão, apesar de também sofrerem os impactos negativos da crise climática, possuem maiores condições de protegerem a si e seus familiares. Por fim, podemos afirmar que nosso objetivo foi atingido, pois as pessoas coletivizaram suas angústias e, juntas, puderam encontrar palavras para os sofrimentos compartilhados.

Por sua vez, ao entrarmos em contato com diferentes sonhos, sejam eles marcados pela repetição de impressões do cotidiano ou pela realização do desejo, experimentamos uma sensação semelhante à de Ana Teixeira em sua intervenção *Escutamos histórias de amor*, na qual não bastava para os interlocutores serem escutados: eles queriam ser compreendidos. Analisando o trabalho da intervenção, percebemos a possibilidade de acolhida às pessoas que transitavam. A ação extensionista carrega justamente essa potência: de que, através dos sonhos e da própria ambiguidade do sentido que esta palavra carrega, foi possível montar um dispositivo que oportunizou um momento para as pessoas estarem juntas, se cuidando e tecendo redes de afetos no que se refere às suas apreensões diante das catástrofes climáticas.

Ao caminharmos com uma metodologia que permite e facilita o “dar palavras” ao que se sonha com o planeta Terra, compartilhamos impressões e ouvimos angústias em relação às alterações climáticas, muitas envolvendo o elemento “água” e as enchentes ocorridas no RS; preocupações socioambientais com as cidades da Baixada Santista e sonhos com cidades outras, que sejam mais verdes e silen-

ciosas, por exemplo. À medida que ouvíamos os relatos, entrelaçamos os conteúdos às autoras e aos autores que já estudamos e/ou nos encontramos com as suas palavras. Ao pensarmos as formas de produção hegemônicas, nos recordamos de falares de Antônio Bispo e de seus alertas sobre as monoculturas, ao nos dizer, que:

O nosso povo também dizia que a terra dá e a terra quer. Quando dizemos isso, não estamos falando da terra em si, mas da terra e de todos os seus compartilhantes. No plantio triangular, quando a correnteza vem, ela bate numa planta e vai para outra. As plantas cortam a velocidade da água. Quando chegaram as Ciências Agrárias, porém, começaram a nos ensinar a plantar de modo linear, fazendo arruamento. Quando a água ou o vento vêm, eles correm pela rua e vão embora arrastando tudo, porque não há nada para quebrar a correnteza. Além disso, nos orientaram a plantar uma única coisa no mesmo terreno. Sabíamos, contudo, que se plantássemos uma única espécie de semente no mesmo lugar, quem costumava se alimentar de diversas plantas iria comer só aquela (Santos, 2023, p. 61).

Ainda, quando pensamos no elemento "água", presentificado nos relatos escutados, Krenak (2022, p. 25) enuncia que "Sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios". Ele nos lembra que as cidades foram edificadas sobre as águas, sobre os rios, e que os humanos represaram os seus cursos; que muitos dos nossos rios foram mutilados; e que "(...) cada um tem seu corpo lanhado por algum dano, seja pelo garimpo, pela mineração, pela apropriação indevida da paisagem" (Krenak, 2022, p. 64), sendo curioso considerarmos natural um rio ser sagrado, enquanto outros tantos

são mutilados. Pensarmos cidades e espaços que incluam pessoas-compartilhantes é imaginar futuros-outros, é olhar para o passado e para um presente que persiste em existir, embora não seja hegemônico. Nesse sentido, Santos (2023) traz à cena os quilombos que existem e resistem no contexto brasileiro, espaços nos quais as relações, e não as aglomerações, compõem o tecido social.

Intencionar outras realidades, assim como dar palavras às angústias e aos sonhos com o planeta Terra, é pensar um caminho no qual podemos trilhar, junto daquelas e daqueles que não negam a tragédia climática que nos assombra. Incorporarmos as ideias dos povos originários é tão importante quanto urgente. É preciso escutarmos o que já foi dito, o que continua a ser dito. "Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui" (Krenak, 2022, p. 25). Nesse sentido, as nossas intervenções atuam nessa perspectiva: a da escuta e a de um cuidado compartilhado (Santos, 2023), tecidas por uma metodologia que ecoa os saberes ancestrais e a possibilidade de se nomear aquilo que se pensa e/ou sonha com o planeta que habitamos e experimentamos. A despeito disso, nossa intervenção artística produziu uma atmosfera de partilha de sonhos, tanto aqueles que presentificam as impressões traumáticas, quanto os que realizam desejos singulares e coletivos. Essa partilha poderia nos fazer despertar diante das catástrofes que vivemos, mobilizando lutas conjuntas e tornando possível, quem sabe, a criação de novos horizontes políticos.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Dante *et al.* Tragédia no RS mostrou que Brasil precisa se preparar para mudanças no clima. **Agência Senado**, 28 jun. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2024/06/tragedia-no-rs-mostrou-que-brasil-precisa-se-preparar-para-mudancas-no-clima>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ARTSOUL. Artsoul Comunicação Digital Ltda. Ana Teixeira. **Artsoul** [página na internet]. São Paulo: Artsoul Comunicação Digital Ltda., s.d. Disponível em: <https://artsoul.com.br/artistas/ana-teixeira>. Acesso em: 18 jun. 2025.

BERADT, Charlotte. **Sonhos no Terceiro Reich**: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

DUNKER, Christian *et al.* (Orgs.). **Sonhos confinados**: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia? Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021.

FERENCZI, Sándor. Reflexões sobre o trauma. In: FERENCZI, Sándor. **Obras Completas**: Psicanálise IV (1934/2011). Tradução Álvaro Cabral. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1934/2011, p. 125 - 135.

GONDAR, Jô. Ferenczi e o sonho. **Caderno de psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 27-39, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 fev. 2025.

IMBRIZI, Jaquelina Maria. **Arte e sonho**: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes. Projeto de Extensão Universitária. Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unifesp (PROEX) em jun. 2020, cadastrado com Código PROEX: 17774 em <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/siex-frame>.

IMBRIZI, Jaquelina Maria. **Produção Onírica e Arte**: o que sonham juventudes em situação de vulnerabilidade social? Projeto de Pesquisa. Universidade Federal de São Paulo: Campus Baixada Santista, 2021. CAAE: 42341521.4.0000.5505.

KAËS, René. **A Polifonia do Sonho**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton; RIBEIRO, Sidarta. **Mesa 6: Sonhos para adiar o fim do mundo, com Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro**. Youtube: 24 maio 2020. 1 vídeo (1h 16 min 15s). Publicado pelo canal Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw>. Acesso em: 7 set. 2021.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros**: uma etnografia dos sonhos yanomami. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, Antônio Pedro. **Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia**: Pesquisa qualitativa em ação. Portugal: Ludomedia, 2019.

SANTHIAGO, Ricardo. **Quando a escuta acontece**: diálogos urbanos na obra de Ana Teixeira. Ana Teixeira, 2021. Disponível em: <https://www.anateixeira.com/textos/quando-a-escuta-acontece-dialogos-urbanos-na-obra-de-ana-teixeira/>. Acesso em: 9 fev. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Editora Ubu, 2023 (*e-book*).

Recebido em: 10.03.2025

Revisado em: 12.05.2025

Aprovado em: 21.05.2025